

Prazer em conhecer

BOIM

A CAPITAL DO TAPAJÓS



POLO BOIM
JAUARITUBA
JATEQUARA
SÃO TOMÉ
PAU DA LETRA
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
TUCUMATUBA
NUQUINI
NOVA VISTA
SAMAÚMA
BOIM

Realização:



inct
instituto nacional de
ciência e tecnologia



Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação



Apoio:



FORDFOUNDATION
Na linha de Frente das Mudanças Sociais

CAPA: Igreja de Santo Inácio de
Loyola, na vila de Boim

OS AUTORES	3
PRA COMEÇO DE CONVERSA	4
PASSO A PASSO	5
A RESEX-TAPAJÓS/ARAPIUNS	6
LOCALIZAÇÃO	7
UM POUCO DE HISTÓRIA	8
A VIDA COMO ELA É	9
MEMÓRIA	13
RELATOS DAS HISTÓRIAS DAS COMUNIDADES	14
1 • JAUARITUBA	14
2 • JATEQUARA	18
3 • SÃO TOMÉ	20
4 • PAU DA LETRA	22
5 • NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	24
6 • TUCUMATUBA	26
7 • NUQUINI	28
8 • NOVA VISTA	30
9 • SAMAÚMA	32
FRAGMENTOS DA CULTURA	35
POESIA	35
GLOSSÁRIO	35

Prazer em Conhecer
POLO BOIM-RIO TAPAJÓS

CEAPS - PROJETO SAÚDE E ALEGRIA

Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental
Av. Mendonça Furtado, 3979 • Fone 55-93-3067 8000
Santarém, Pará • CEP 68040-050
www.saudeealegria.org.br • www.redemocoronga.org.br
psa@saudeealegria.org

Santarém - Pará - Brasil / 2012

Os autores

A autoria deste trabalho deve ser atribuída aos comunitários da região de Boim, que reunidos se dedicaram a construir com esmero uma história, uma cartografia da memória, uma vez que os dados sobre as comunidades são escassos. Com a participação de um povo dotado de uma riqueza cultural peculiar em que homens, mulheres, crianças, jovens e adultos foram convidados a colaborar, respeitando o preceito que todos são professores e alunos ao mesmo tempo.

“Antigamente, quando não havia escola, todos ensinavam, aprendiam, trabalhavam e se amavam, enfim, uma comunidade de aprendizagem livre, honesta, ética e, acima de tudo, cidadã.”

Esta publicação é resultado de uma fotografia da comunidade colhida em 2012, realizada com uma metodologia própria, criada a partir dos encontros e das visitas às comunidades, adicionada à experiência do mapeamento cartográfico participativo socioambiental. Somou-se a esse esforço de levantamento de dados das comunidades o trabalho de aula da disciplina de Estudos Amazônicos, ministrada pelo Prof. Sérgio Nobre, com alunos do 2º ano A e B do ensino médio modular, na escola municipal de Ensino Fundamental e Médio Santo Inácio de Loyola.

Essa maneira participativa foi escolhida para garantir a sistematização de conhecimentos que se fundam na oralidade e valorizam as riquezas do patrimônio material, cultural e do imaginário dos povos tradicionais da floresta, com vistas à sua disseminação junto às escolas, movimentos sociais e ambientais e para quem, de modo geral, se preocupa com os povos da floresta.

Os dados gerais e socioeconômicos foram inseridos para enriquecer o conhecimento e fornecer indicadores quantitativos para futuros diagnósticos. Enfim, mais um instrumento para mostrar que “debaixo da floresta da gente tem gente”, e gente que luta pela floresta em pé.

Grupo de antigos moradores na entrevista de revisão dos dados

“O mundo não é, o mundo está sendo.”
(Paulo Freire)





Pra começo de conversa

Respaldar as Unidades Territoriais ocupadas por comunidades tradicionais é um dos principais objetivos das atividades do Projeto Saúde e Alegria na região amazônica. Entendendo o território como espaço marcado não apenas pelas dimensões geográficas, mas também pelas relações humanas, econômicas e culturais, o reconhecimento e a apropriação popular dos territórios em que se vive é um dos passos fundamentais para o exercício da cidadania.

Geralmente há pouca informação em linguagem simples disponível para uso público sobre a realidade das comunidades que vivem em Unidades de Conservação, assentamentos e florestas. O conhecimento que está na “memória popular” sobre as comunidades que habitam esses territórios precisa ser valorizado e sistematizado para ajudar na compreensão das formas de viver a vida na floresta, seus atrativos, potenciais e desafios.

Com intuito de obter uma visão do conjunto da realidade territorial local, o Projeto Saúde e Alegria, em parceria com a Fundação Konrad Adenauer e a Fundação Ford, vem realizando um trabalho de documentação e divulgação denominado **“PRAZER EM CONHECER”**.

Trata-se de uma coleção de cartilhas que retratam as comunidades da maior Unidade de Conservação de uso sustentável do Município de Santarém: A Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns. A proposta é a ampliação do conhecimento sobre a floresta e seus moradores, contribuindo para o exercício da cidadania e para o aprimoramento da capacidade de gestão das populações tradicionais sobre seus recursos, estimulando o seu desenvolvimento de forma sustentável.

Esta cartilha mostra a região da Vila de Boim, localizada na margem esquerda do rio Tapajós, compondo a coleção (Almanaque), abrangendo as localidades de Jauarituba, Jatequara, São Tomé, Pau da Letra, N. Sra do Rosário, Tucumatuba, Nuquini, Nova Vista e Samaúma. Trata-se de uma região tradicionalmente ocupada por populações de descendência indígena, que ao longo do tempo se misturaram com migrantes e colonos de diferentes origens e hoje vivem em comunidades que se formaram a partir das antigas vilas de velhas missões e aldeias indígenas.

Esta publicação, elaborada a partir de informações coletadas em processos de mapeamento socioambiental participativo é um retrato atual desta realidade contada pelos próprios moradores da região da Vila de Boim.





Na página 04, grupo de antigos moradores na reunião de revisão de dados; acima, ponte de acesso à comunidade Samaúma e ao lado, jovens de Boim complementando os mapas; Embaixo, vila de Boim vista do rio Tapajós.

Passo a passo

O processo de mapeamento participativo utiliza a “memória” da comunidade como principal subsídio, como também associa técnicas de cartografia para que o conhecimento dos comunitários sobre seu território possa se tornar também um conhecimento sistematizado. Muitas vezes os mapas cartográficos participativos oferecem uma contraposição à visão oficial de muitas organizações sobre determinado território. Ao trabalharmos baseados no conhecimento que as populações têm de suas comunidades, corremos menores riscos de cometer equívocos de observação e diagnósticos da realidade local.

Neste caso específico tivemos uma importante contribuição na estratégia de levantamento de dados e mapeamento das comunidades do Polo de Boim, foi através dos alunos do 2º ano A e B do ensino médio modular da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Santo Inácio de Loyola. Nas aulas de Estudos Amazônicos ministradas pelo Prof. Sérgio Nobre, realizaram a pesquisa “retrato de onde eu moro”. Os alunos desenharam mapas e fizeram entrevistas com os habitantes mais idosos, fazendo um levantamento da história das 10 comunidades que compõem este “mosaico”.

Nas visitas da nossa equipe às comunidades complementamos, revisamos e validamos os mapas e as informações; para

essa abordagem utilizamos o método ANDRAGÓGICO, que valoriza as experiências e os conhecimentos anteriores sobre os temas tratados, realiza análise conjunta dos conteúdos verificando qual a representação que o grupo tem do cotidiano, propiciando a oportunidade de falar-se a “mesma língua” e a seguir, chegar a construir um novo conhecimento. Trata-se de um processo feito a partir da troca de experiências com a contribuição de diversos atores do ELENCO SOCIAL envolvido.

Podemos comparar o caminho percorrido com uma lâmpada, inicialmente apagada, e que é acesa pela energia dos participantes.



SÍNCRESE – A “Ideia”, no início da oficina. Cada participante tem a sua ideia sobre o que acontecerá e sobre o assunto a ser discutido: uma lâmpada.



ANÁLISE – “Trocando em Miúdos”. Durante a oficina todo o grupo participa de discussões e contribui com suas experiências e seus conhecimentos para que a ideia inicial seja analisada: a lâmpada desmontada.



SÍNTESE – A troca de experiências permite a construção do novo conceito, tornando a ideia inicial mais clara: a “lâmpada é remontada”. Nesse momento aparece acesa pela energia criativa e participante do grupo.





A RESEX-Tapajós/Arapiuns

A Vila de Boim é uma comunidade polo da RESEX Tapajós/Arapiuns, uma unidade de conservação de uso sustentável situada entre a margem esquerda do Rio Tapajós e a margem direita do Rio Arapiuns, numa área total de 647.610,74ha. A Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns abrange 74 comunidades localizadas nos municípios de Santarém e Aveiro.

Criada em 1998 a Resex foi o resultado de anos de luta da população da região contra madeireiros que exploravam de forma predatória os seus abundantes recursos florestais. A partir daí os moradores das regiões do Rio Arapiuns e Rio Tapajós se unificaram com o objetivo de impedir o avanço das empresas madeireiras que exploravam os recursos naturais sem promover o desenvolvimento da região.

Surgiu então o Grupo de Trabalho da Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns (GT Resex), composto por ONGs, Associações Comunitárias e entidades de base. Em novembro de 1997, numa grande assembleia na Comunidade de Tucumtuba, por meio de um abaixo-assinado pelos moradores foi solicitado ao IBAMA a criação da Reserva Extrativista.

Em seguida foi criada a Organização das Associações dos Moradores da Reserva, denominada associação TAPAJOARA, que reúne todas as organizações e associações da Reserva e representa legalmente, perante a sociedade e o governo, os interesses dos mais de 18 mil moradores da Resex.

Hoje a Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns é uma unidade de conservação utilizada por sua população com base no extrativismo, na agricultura familiar e na criação de animais de pequeno porte. A Resex é gerida por um Conselho Deliberativo, constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e das comunidades tradicionais residentes na área. Seu objetivo básico é proteger os meios de vida e a cultura dessas populações e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade.

*Acima, moradores de Nuquini;
abaixo, reuniões de moradores e Telecentro Cultural de Boim.*





Localização

Este relato contém dados de 10 comunidades que compõem o Polo da Vila de Boim, na Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns; além de Boim, temos as seguintes comunidades: Jauarituba, Jatequara, São Tomé, Pau da Letra, N. Sra do Rosário, Tucumatuba, Nuquini, Nova Vista e Samaúma.

A Vila de Boim está localizada na margem esquerda do Rio Tapajós, no município de Santarém, Oeste do Pará. Está situada nas coordenadas: N: 9.654.568 E: 694.849 lat., na região do Médio Tapajós. Reconhecida como “vila” pela sua importância histórica, geográfica, política e social, posiciona-se como centralizadora das ações e dos serviços na região.

O principal e praticamente único meio de transporte para se chegar a Boim são os barcos que fazem linha regular em viagens de até oito horas partindo de cidade Santarém, saindo às segundas, terças e sextas-feiras às 18 horas. A passagem custa em média R\$ 25,00. Os barcos que atendem a Boim são B/M Rio Tapajós, B/M Marinho e B/M Braga Irmãos.

Na região da Vila de Boim há inúmeras belezas naturais como praias, igarapés, pescarias, trilhas, piracaia, e muitas outras opções de lazer, além de um povo amigo e hospitaleiro.

*Acima, comunidade de Rosário;
abaixo, à esquerda, visão parcial da frente de Nuquini;
ao lado, comunidade de Tucumatuba.*



Um pouco de história

A Vila de Boim foi fundada no ano de 1690 quando uma expedição dos jesuítas, tendo a frente o Padre Antônio da Fonseca desembarcou na Aldeia dos Índios Tupinambás. Em seguida, o Padre Antônio da Fonseca celebrou uma missa dando-se assim a fundação de uma das missões da Companhia de Jesus, que recebeu o nome de “Aldeia de Santo Inácio de Loyola”.

Passaram-se 68 anos de colonização e a Aldeia de Santo Inácio de Loyola apresentava um grande progresso. Com a Lei de 6 de Junho de 1755, o Governador do Grão-Pará, Mendonça Furtado, resolve dar uma execução à dita Lei que determinava converter em vila as aldeias missionadas pelos jesuítas. A aldeia de Santo Inácio ficava, dessa forma, dentre outras designadas para ser elevada à categoria de vila.

Em viagem ao Tapajós, Mendonça Furtado, o governador do Grão-Pará, em livre solenidade consignou o título de Vila para a aldeia, na data de 09 de Março de 1758. Mendonça Furtado, autoridade portuguesa colonizadora, tinha ordens do Marquês de Pombal de transformar a Amazônia num “outro Portugal”, a “Nova Luzitânia” substituindo os nomes “bárbaros”, ou seja, nativos, por nomes de vilas e cidades portuguesas, como se observa Aveiro, Alenquer, Monte Alegre, Santarém, Óbidos, Vizeu, dentre outras. A partir de então a aldeia passou a ser denominada “Vila de Boim”, confirmando o nome em homenagem à aldeia que compunha o Conselho do Bispado do O Porto, em Portugal.

A Vila de Boim é uma das poucas da região que possui relatos populares do século XVI, enquanto que as outras localidades limitam-se a relatos do início e do meio do século passado e raramente referindo-se às populações indígenas, apesar dos vestígios encontrados nas “terras pretas” de todas as comunidades, que indicam a presença de seus primeiros habitantes.

Conforme os registros disponíveis e os que ainda permanecem na memória popular, os quais merecem serem mais bem pesquisados, na chegada dos portugueses à região da Vila de Boim habitavam os índios Tupinambás e Tupaius ou Tapajós, que segundo consta em relatos de historiadores locais, teri-

am naquele tempo um grande chefe, Nurandaluguaburabara, que residiria mais ou menos nesta região de Boim, no médio rio Tapajós. Frei Gaspar de Carvajal, que fazia parte da expedição colonizadora teria relatado: “estamos em terras muito povoadas de um senhor que se chama Nurandaluguaburabara”.

A convivência com a chegada do colonizador não foi nada fácil; “os costumes dos nativos eram tidos como coisas erradas, ligadas ao pecado e ao diabo” Cohen, 12. Assim a cultura dos colonizadores ia sendo imposta, e muitas contradições e sofrimento há por detrás destes breves relatos.

Ao longo da história a Vila sempre adquiriu importância como ponto comercial e entreposto de trocas de “drogas do sertão”, fibras, óleos, sementes, lenha, resinas, pigmentos etc. Durante o ciclo da borracha, por exemplo, a Vila viveu momentos de grande efervescência, e entre outros acontecimentos, recebeu famílias estrangeiras e de outras regiões do Brasil, como Abraham Cohen e Serique, hebraicos vindos do Marrocos em busca do “ouro negro”, a borracha da Amazônia, bem como aproveitar o forte ciclo econômico. Até os dias de hoje a vila possui um cemitério hebraico que contém pelo menos 17 sepulturas, chamado pelos moradores de cemitérios dos Judeus.

E assim o povo boinense traz na memória e no sangue a herança de um povo que foi se misturando ao longo do tempo para ser o que é hoje. Repleto de histórias curiosas, um povo simpático e alegre que está sempre disposto e aberto para uma “roda de conversa” e “contação de causos”, como poderá se ver nesta leitura. Atividades estas que brotam espontaneamente por debaixo das árvores, misturando palavras aos diferentes tons de verde da floresta. **“O Rio não é velho, ele é uma criança, ele nunca se repete e também nunca se cansa”**. Assim como as pessoas, a vida na Vila de Boim “é um eterno renascer para o mundo moderno, sem perder a memória e o romantismo das coisas do passado”.



A vida como ela é COMO VIVE O CABOCLO BOINENSE

Em Boim o dia começa cedo. Uma das primeiras coisas a ser feita é tomar o tradicional café com tapiquinha, pé-de-moleque, macaxeira e com outros produtos da terra. Logo depois, geralmente, alguns preparam os materiais e rumam para a roça onde plantam mandioca, feijão, arroz etc., e outros para o rio e igarapés em busca do peixe para o almoço.

Normalmente as famílias dividem-se nos trabalhos. Enquanto uns estão na roça, ou pescando, outros estão nos trabalhos domésticos. Os boinenses caçam animais selvagens como veado, queixadas (porcos do mato), caititus, pacas, cotias etc., principalmente à noite, mas também criam galinhas, patos e bois, que ajudam na subsistência.

A sobrevivência, além da agricultura, da pesca e da caça também se baseia em torno dos aposentados, pensionistas e funcionários públicos. O povo boinense ouve muito rádio. Seu principal esporte é o futebol, praticado todos os dias pelos jovens e nos finais de semana pelos “quarentões”. À noite adoram assistir TV nas duas horas de energia diárias, em seguida há as conversas na praça, contações de histórias, lendas e às vezes, piracaias de peixes e galinhas caipiras

Na foto ao lado, dona Martinha Batista, antiga boinense observa a igreja construída de lado para o rio; Abaixo, aprazível igarapé com águas limpas e alvas dunas de areia.



RELIGIOSIDADE



Santo Inácio de Loyola, padroeiro de Boim; Embaixo, a praça é um pitoresco local de lazer e encontro dos boinenses

Boim mantém fortes laços religiosos com o catolicismo, tendo como padroeiro Santo Inácio de Loyola, cuja festa acontece no mês de julho. É uma das maiores festas religiosas da região do Tapajós. Além da parte religiosa, a festa atrai pessoas de outras comunidades e filhos da Vila que vivem em outras regiões, que aproveitam para retornar à terra e matar as saudades da família.

A tradição religiosa de Boim se repercute na formação de padres, como o recém-ordenado diácono Marcílio Pedroso Serrão, o padre Jorge Torres, a irmã Verônica, e dois bispos, Dom Frederico Costa, o primeiro da diocese santarena, e Dom Gilberto Pastana, atual bispo de Imperatriz, no Maranhão. Seu vigário atual é o Padre Antônio Cláudio.

A presença das igrejas evangélicas é marcada por duas congregações:

- Assembleia de Deus

Sua inauguração foi em outubro de 2004. Atualmente, tem poucos fiéis, entretanto, continuam a caminhada. Seu pastor atual é o Sr. Fábio de Sousa.

- Igreja Batista “Nova Vida”

Foi construída sob a responsabilidade de dois pastores, Fred Harner e Donizete Roberto. Sua consagração foi no dia 12 de outubro de 2003 e em 05 de Setembro de 2004 foi a inauguração.

O LAZER E O DESPORTO

Povo alegre e festivo, apreciador de danças e músicas, destacam que já existiram diversos grupo de cordões de pássaros como Marreca, Beija-flor, Rouxinol e Cisne, relatados por Éden Cohen.

O lazer é muito bem representado pela prática do futebol e conta com os seguintes clubes:

- América Futebol Clube

Em 1956 um grupo de rapazes reuniu-se e orientados pelo Sr. José Azulino fundaram uma sociedade esportiva com o nome de Parazinho Futebol Clube. Dentre os sócios fundadores do Parazinho citamos alguns: Antônio Figueiredo, Dalcídio Dias, Laudemar Batista, Éden Cohen, Amado Serrão e Orlando Ribeiro. Em 1958 passou a chamar-se América Futebol Clube, resistindo com esse nome até hoje. Seu presidente atual é o Sr. Charles Lameira e tem 68 sócios. Serve para promover diversão para os jogadores e de entretenimento aos finais de semana para a comunidade.

- Juventude Futebol Clube

Fundado em 1970 por jovens e moças, chamava-se Clube de Jovens St. Inácio. No dia 14 de fevereiro de 1972 passou a chamar-se Juventude F. Clube. Sua coordenação era formada pelos senhores Horácio Costa Rodrigues, coordenador; Irailson Neuton, vice-presidente; Edinaldo, secretário e Abílio Costa Rodrigues, tesoureiro.

Seus sócios fundadores: Arnaldo Filho, Manoel Miranda, Jesuino, Osvaldo, Rosinaldo Costa, Nonato Maurildo Carneiro, Raimundo Vieira, Jesus, Vilmar Miranda, Ivanildo Guedes, Getúlio dos Santos, Renato Afonso, Pedro Matos, Francisco Sena, Adair Lameira, Rosivaldo Lima e Alfredo Régis.

Hoje seu presidente é o Sr. Pedro Matos. O clube possui uma sede e um campo de futebol.

Campos de Futebol

Frei Pedro Paternal - Foi construído no ano de 1949 pelos comunitários e na época do auge boinense funcionava, além do futebol, outros esportes. Seu nome foi dado em homenagem ao Frei Pedro Paternal, grande líder e vigário nesta época. Atualmente é o principal campo de futebol e o lugar proporciona lazer e entretenimento aos comunitários.

Campo do Juventude – Foi construído em 1984 pelo clube e com ajuda da firma Amazonex. Tem 75 metros de largura por 110 metros de comprimento. É o local de grandes partidas de futebol. Seu responsável é o presidente Pedro Matos.



COMUNICAÇÃO

Telefonia

Após o censo populacional do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2000, a ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações) baixou um decreto afirmando que todas as áreas demográficas com mais de 500 habitantes deveria receber sistema telefônico adequado. Boim foi beneficiada por duas companhias:

A Telepará, que Surgiu na vila no ano de 1989 com ajuda da prefeitura de Santarém. A primeira telefonista foi a Sra. Lenildes Carneiro de Oliveira. Em 2003 a empresa de telefonia deixou de funcionar, hoje resta apenas uma torre e a antiga casa onde funcionava.

A Telemar, que entrou em Boim no ano de 2003 funcionava com telefones públicos e residenciais. Já foi o principal elo entre a comunidade e o mundo, mas hoje apresenta muitos problemas.

A telefonia celular funciona em alguns pontos da Vila.

Telecentro de Inclusão Digital

A partir de 2009 foi inaugurado o “Telecentro Boim Demais”, que reúne jovens e adolescentes em torno das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação). Deve-se reconhecer o esforço para a recuperação do antigo prédio construído pelos franciscanos na década de 50, do século XX, onde funcionava uma casa de formação religiosa, em seguida o posto de saúde, e que agora abriga o telecentro, que hoje possui quatro computadores conectados à internet, sendo que a comunidade possui um blog (www.boim.redemocoronga.org.br) integrado à Rede Mocaronga de Comunicação, do Projeto Saúde e Alegria, que foi a organização que implantou o telecentro na comunidade, como a poio da Fundação Lateinamerika Zentrum.

Rádio Comunitária

Também filiada ao projeto da Rede Mocaronga, a rádio comunitária de Boim funciona com alto-falantes espalhados pela comunidade com uma programação variada conduzida pelos jovens, levando informação de utilidade pública, educação e valorizando a cultura da comunidade.

INFRAESTRUTURAS

Microsistema de Abastecimento de Água

Construído no final do mês de setembro, com inauguração no dia 18 de outubro de 2003, data de aniversário de Dom Frederico Costa, recebeu apoio de diversas instituições governamentais e não governamentais, dentre elas destacamos as seguintes: TAPAJÓARA (Associação das Comunidades da RESEX), PSA (Projeto Saúde e Alegria), BNDES e Prefeitura de Santarém. Desde o seu funcionamento a população teve melhor saúde, pois a distribuição de água potável contribuiu para a diminuição de doenças de veiculação hídrica. O microsistema atende Boim nos bairros do centro e no bairro do Rosário. Os consumidores pagam uma taxa mensal de R\$10,00. Seus funcionários recebem uma ajuda de custo mensal de R\$300,00 (trezentos reais) e fazem revezamento de mês em mês.

Cemitério São Cristóvão

Em Boim existiram quatro cemitérios, inclusive o que existe atualmente. No tempo dos índios eles enterravam os que morriam em um cemitério feito por eles, que ficava, segundo os antigos, onde hoje é a Igreja. Logo depois de construir a casa para a capela fizeram outro cemitério, de nome Bacurituba, bem ao lado do cemitério em que enterravam os hebraicos. Este lugar fica próximo da comunidade Nuquini.

Os habitantes acharam dificuldades para levar os seus mortos e resolveram fazer outro dentro da Vila, no qual puseram o nome de “Cruz das Almas”, mas como este ficava às margens do rio, e de vez em quando uma enchente grande alagava, para não contaminar a água e transmitir doenças, resolveram fazer outro no ano de 1972. Foi em homenagem a um trabalhador honesto, Cristóvão Rodrigues, que morreu, surpreendentemente, causando no povo um grande impacto, pois além de ser um líder era Fiscal do Município.

A população tem restrições em ir ao abandonado cemitério dos Judeus, pois acredita que lá é habitado por “visagens”.

O Telecentro possibilita aos jovens a oportunidade de conectar-se ao mundo.





Usina de Luz

Foi construída em 1974 sob o comando do Frei Marcos. Junto com a sua construção também foi instalada a rede elétrica, que hoje abriga dois motores 125HPs e um gerador de 50 KVAs.

Ocais (trapiche)

O cais está situado em frente à Igreja, foi construído de alvenaria, mas se encontra em péssimas condições. Já o trapiche de madeira é uma construção mais recente, não concluída, mas é usada no tempo de inverno. A Iniciativa foi de um morador, proprietário de barco, com a cooperação da comunidade.

Delegacia

Foi construída em 1974 sob a orientação de Frei Marcos; nessa época havia muitos casos de violência e os delinquentes eram presos por delegados locais nomeados pelo Estado. Hoje é raro alguém ser preso, mas, quando acontece, tem-se local próprio. Foram colocadas grades nas portas e nas janelas.

Praça Pe. Antônio da Fonseca

Construída em 1986, seu nome foi dado em homenagem ao fundador de Boim. É o principal ponto de lazer nas noites boienses. Serve para as crianças brincarem e para jovens e adultos conversarem e namorarem.

Na praça também existe um coreto construído em 1987, é usado para abrigar a banda que faz o arraial das festividades de Santo Inácio de Loyola, no mês de Julho.

Sede Social do Juventude

Foi construída em março de 1980. Na época seu presidente era o Sr. Hermes. Dentre os sócios que a construíram, citamos: Adorilo Bento, Jessé, Areusiel, Lacerda, Lacerdino, Inácio, Isabel, Issac, José Raimundo e Dilson. Na sede acontecem bailes e reuniões do clube.



SAÚDE

Posto de Saúde

Inaugurado em setembro de 1998 por autoridades de Santarém, atende casos de doenças de Boim e de algumas comunidades vizinhas; seus funcionários realizam também campanhas preventivas, visitas domiciliares, palestras etc. Sua atuação fez com que diminuíssem os casos de doenças em nossas comunidades. Três pessoas trabalham no posto, são duas auxiliares de enfermagem e uma zeladora.

Na área da saúde a comunidade também é atendida pelo Barco Abaré, Unidade Móvel de Saúde Fluvial da Prefeitura de Santarém em parceria com o Projeto Saúde e Alegria.

EDUCAÇÃO

Escola “Dom Frederico Costa”

Passou a funcionar em 31 de Janeiro de 1971 com o nome de “Grupo Escolar Municipal de Boim”, no prédio que já foi um antigo convento, construído em 1956. O prédio foi adquirido na Interventoria Federal com auxílio do PNE. O ministro da Educação era o senador Jarbas Passarinho; o governador do Estado era o Tenente Coronel Alacid da Silva Nunes e o Interventor Federal era o Capitão Elmano M. Melo. Em 1971 a responsável pela escola era a diretora Estela de Sá Figueiredo.

Anos mais tarde passou a funcionar em novo prédio e a chamar-se “Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Frederico Costa”. Hoje a escola tem 10 professores que são encarregados da educação de 233 alunos matriculados no ensino fundamental. O Ensino médio é no sistema MODULAR, sob a responsabilidade do Governo Estadual.



Memória

O CONVENTO

Além da igreja de Santo Inácio de Loyola, outro prédio histórico que se destaca é o antigo convento, construído na década de 50, de frente para o Rio Tapajós pelos padres franciscanos. É um dos prédios históricos mais belos de Boim. Após funcionar como convento, já foi a escola do município com o nome de Escola Dom Frederico Costa, até dois anos atrás. Deixou de funcionar após vistoria do Corpo de Bombeiros em 2009, que ordenou sua desocupação, pois sua estrutura apresentava grandes rachaduras. A comunidade buscou junto ao poder público a sua restauração, mas não conseguiu.

Após a sua “inutilidade” como escola foi abandonado completamente. Ainda guarda em seu interior documentos de alunos, livros e alguns móveis da antiga escola.

Hoje, infelizmente, o prédio que assistiu a passagem de muitos boinenses na carreira estudantil vive fechado, cercado por mato, cupins, morcegos e outras pragas.

LENDAS

Existem muitas lendas da nossa Vila, mas o papel é reduzido para escrever todas elas. Aqui segue duas delas:

A LENDA DA IGREJA

Em 1835, auge da Revolta dos Cabanos, o povo boinense fugiu para a mata. Certo homem religioso, todavia, tratou de esconder a imagem de Santo Inácio de Loyola. Embora pesada, escondeu-a atrás de uma árvore de Sapupema e a cobriu com folhas de Piririma e Samambaia.

Após o fim da revolta os moradores retornaram à vila e deram pela falta do Santo. O homem disse o local do esconderijo e os comunitários puderam levá-lo de volta à Igreja.

Entretanto, no outro dia o Santo havia sumido novamente. Dessa vez ninguém sabia onde encontrá-lo. Resolveram procurar atrás da árvore e, para surpresa geral, lá estava ele. Levaram-no por três vezes para a Igreja e em todas ele voltava para trás da Sapupema.

Uma senhora idosa, curandeira, consultou os astros e disse que o Santo queria uma Igreja nova. Começaram, portanto, a construção de um novo templo com a frente para o rio, como é de costume. Quando a construção estava quase finalizada um forte temporal a destruiu completamente. Não desistiram. Voltaram aos trabalhos e novamente veio abaixo. Fizeram por três vezes e todas caíram. Novamente consultaram a curandeira, que garantiu que deveriam construir a Igreja como tinham encontrado o Santo, ou seja, de lado para o rio. Assim fizeram e a Igreja está até hoje de pé, com algumas remodelações feitas em 1949 e em 2005. Dizem que “é a única do Brasil que não é com frente para o rio”.

O DEFUNTO EMPRESTADO

Na década de 60 foi construído o quarto cemitério da Vila de Boim. Chamou-se São Cristovão em homenagem a um grande líder, trabalhador e honesto Simão Cristovão Rodrigues.

Para construí-lo fizeram grandes mutirões entre Boim e as comunidades adjacentes e em pouco tempo estava pronto. Entretanto, como qualquer outra obra, precisava de uma inauguração que só poderia ser feita com o enterro de uma pessoa. Passaram-se longos três anos e ninguém morria. Só havia uma solução: emprestar um morto de outra localidade. Foram mandadas então, cartas para diversos lugares relatando a urgência do caso.

A inauguração seria no domingo pela manhã. O defunto saiu de Aveiro na manhã de sábado, ainda fresquinho, em uma canoa trazida por dois homens. Aconteceu um imprevisto, havia uma festa dançante numa determinada comunidade e os viajantes ouvindo fogos e músicas animadas resolveram parar apenas para dar uma “espiadinha”. Puxaram a canoa para a praia com o defunto dentro, embaixo de uma tolda de palha prevenindo das fortes chuvas de inverno. Chegando à festa entraram para dançar, beberam muito, até que ficaram “pra lá de Bagdá”.

Um bêbado estava deitado na praia dormindo quando caiu uma forte chuva já de madrugada. Viu a canoa com a tolda e foi abrigar-se. Olhou a canoa e vendo o defunto deitado, falou:

- Parceiro, me dá um lugarzinho aí do teu lado?

E foi deitando; o sono veio e ele dormiu pra valer. Os dois que estavam ainda na festa decidiram continuar a viagem. Chegando à canoa, nem sequer olharam para certificarem se tudo estava normal. Colocaram a canoa na água e partiram com destino a Boim.

Depois de viajarem por mais ou menos duas horas, o bêbado acordou e gemeu:

- Hum! Hum!

Os dois condutores da canoa se olharam e disseram:

- É ele!

Com medo pularam n'água. O bêbado que já estava recuperado da consciência, vendo os dois se distanciando da canoa, falou ao “parceiro”:

- E tu pra onde vais?

O espanto foi tão grande quando tocou no corpo estático e completamente frio. Conhecendo que era um morto, pulou no rio atrás dos dois. Estes que já estavam distante, olhando pra trás e com mais medo ainda, disseram:

- Lá vem ela! É alma penada.

A canoa com o defunto seguiu viagem sem direção. Ao amanhecer os três rapazes desfizeram o drama na beira da praia. Acharam a canoa próximo à Vila de Boim, chegando com atraso para a inauguração. Ainda assustados relataram o acontecido aos parentes que riam pra valer. Por volta das dez horas da manhã seguinte aconteceu o enterro que foi o único e mais alegre até os dias de hoje. Quanto ao pagamento do empréstimo não se sabe se foi feito porque os que o fizeram já estão mortos e Aveiro parece ter esquecido.

Vamos guardar!

“Jornal A Notícia”, Vila de Boim - Ano 3 – 29ª edição

Repórter: Maickson Boim”

Relatos das histórias das comunidades do Polo da Vila de Boim

1 • JAUARITUBA

Trata-se de uma comunidade que já existe há 120 anos e, segundo informes, foi fundada em 13 de maio de 1892 por quatro moradores: Manoel de Oliveira, João Fernandes, Francinaldo dos Santos e Madalena Sampaio. A comunidade surgiu naturalmente com a chegada de várias pessoas e famílias, que quando se deram conta já era uma comunidade.

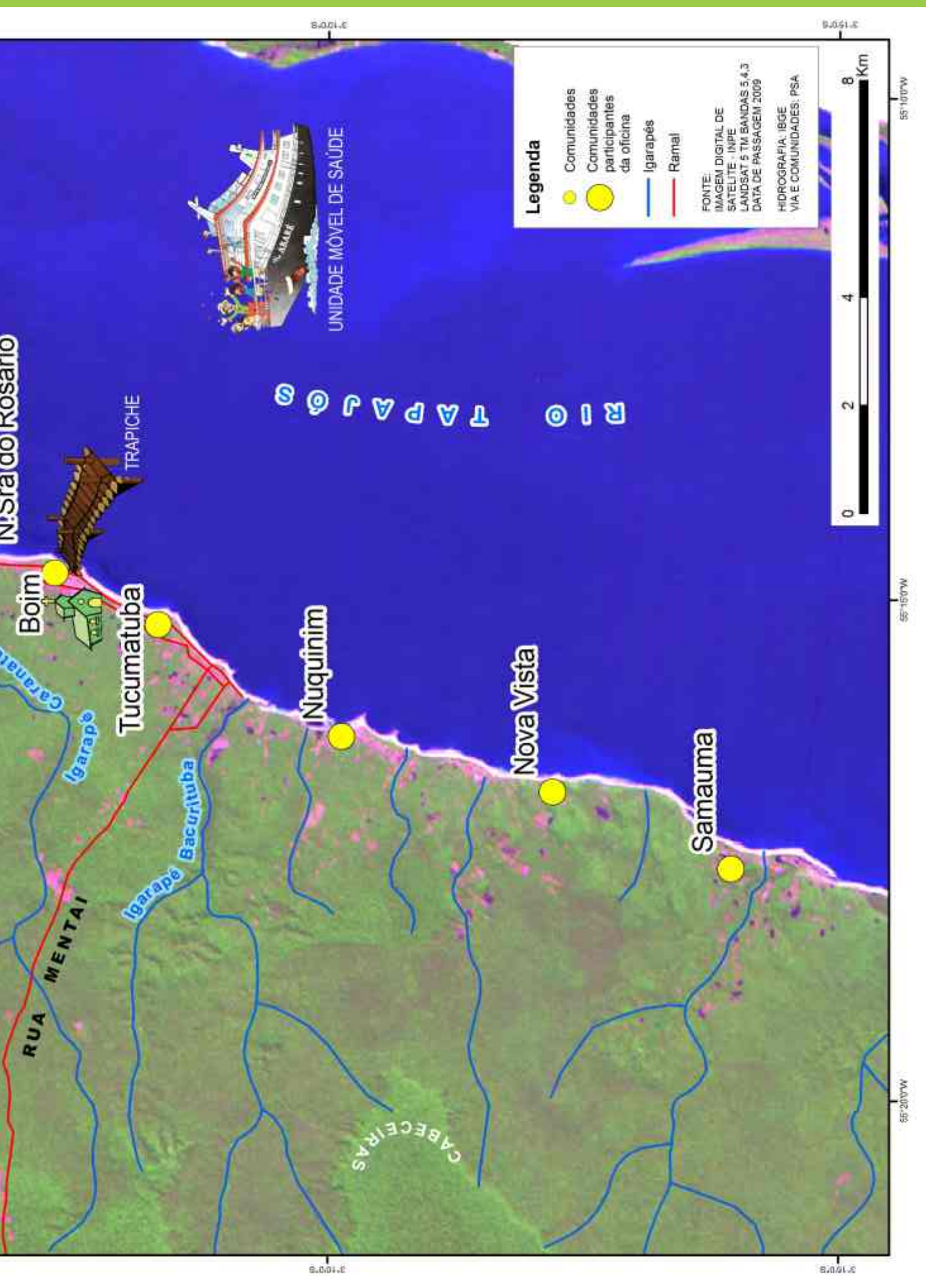
A cultura da comunidade pode ser apreciada pela produção da farinha de tapioca, consumo de peixe no tucupí, pela pesca, caça e pelo plantio familiar.

A comunidade recebeu este nome em virtude de uma grande quantidade de JAUARI, uma palmeira amazônica com muitos espinhos, que nasce nas beiras e igapós, e possui um caule ameaçador. E assim ficou sendo conhecida, como acontece com várias outras comunidades que variam seus nomes entre acidentes geográficos (Pedral, Enseada), vegetação (Piquiatuba, Aninduba), Santos da Igreja católica (São Pedro, São Miguel) e alguns nomes curiosos (Quem diria, Câ te espero).

COMUNIDADE DE JAÚARITUBA

Projeto







2• JATEQUARA

Entrevista com Sr. Joaquim de Oliveira, 85 anos: Este nome surgiu porque os antigos diziam que no local havia muitas onças chamadas TAPIRAUARA e ninguém podia passear pela beira depois das seis da tarde porque elas atacavam e eram muito bravas. Também foi utilizado o nome JATEQUARA FÁBRICA, porque os homens matavam as onças e vendiam o couro.

CROQUI DA COMUNIDADE
DE JATEQUARA

AR NATURAL

1100 metros

3 MATO do JATEQUARA

Rio Francisco

de Jatequara



3 • SÃO TOMÉ

“A comunidade de São Tomé foi fundada em 1911, quando havia somente três moradores. Na época em que foi fundada existia somente uma capela bem pequena e muito feia, porque era cheia de mato. Os primeiros moradores da comunidade foram Beraldo, Carlota e Francisco.

O nome de São Tomé surgiu quando o primeiro morador, José Beraldo de Oliveira chegou à comunidade e era dia de São Tomé, por isso a comunidade ficou assim conhecida. Na verdade a comunidade era para ter recebido o nome de Santo Antônio, porque o Santo era o padroeiro do local.

A cultura e a tradição de São Tomé, como de outras comunidades, é a de fazer farinha de mandioca, de pescar e de caçar. O local tem muitas frutas, destacando-se o abacaxi. Faz-se também o beiju e a farinha de tapioca.”

Estes informes foram dados pela Sra. Gertrudes Neves, (91 anos de idade).

Hoje a comunidade tem 142 moradores e possui 48 famílias. Ponto de rara beleza, havendo muitas pedras em suas praias, Ponta da laje, Ponta da Sereia e Ponta do Arara, mas pouco explorada turisticamente.





4 • PAU DA LETRA

Segundo contam os mais idosos, em tempos passados, provavelmente em 1940 essa comunidade era conhecida como Enseada do Igarapé da Vila. Dizem que existiu uma ponta de areia onde as águas eram muito profundas, que se tornou um porto para o embarque de lenha para o consumo dos navios que usavam a lenha como combustível.

Sempre quando chegava o dia do navio passar as pessoas deixavam a lenha amontoadada na praia para comercialização, além de frutas, breu, borracha e outros.

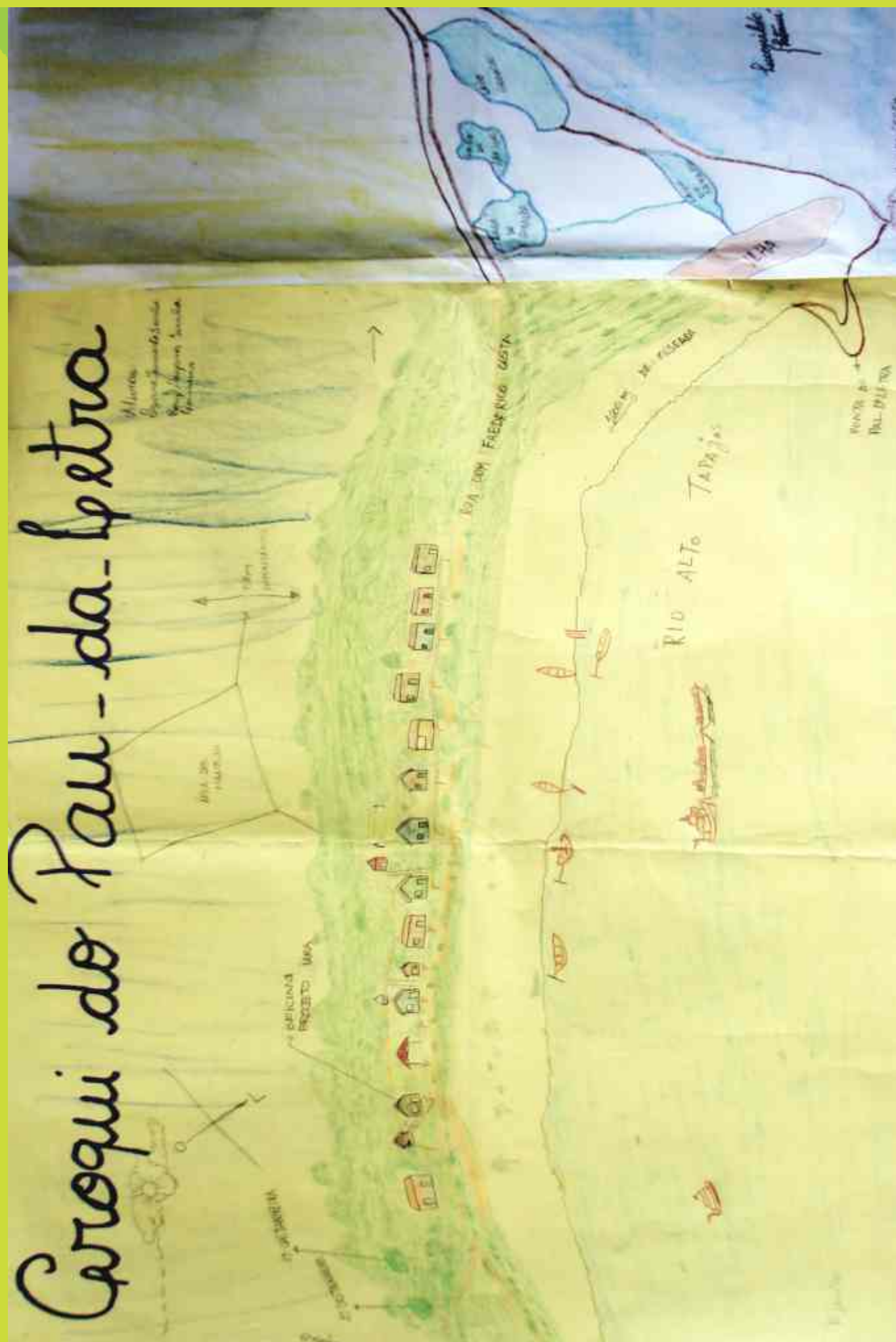
Certo dia um morador, andando pela praia encontrou um pau “plantado” na areia e neste pau havia alguns desenhos em forma de letras. E como não tinham conhecimentos avançados mandaram o pau para Belém para examinar quais seriam as letras desenhadas ou seu significado. Não obtiveram resposta, mas desde então os moradores começaram a chamar de PAU DA LETRA, cujo registro em cartório foi no ano de 2000.

Hoje residem na comunidade 14 famílias, cerca de 50 pessoas. Sua cultura está baseada na confecção de artesanato de palha, cipó, tala, na produção de farinha, beiju, tarubá, tucupi, frutas, e no consumo de algumas iguarias feitas de mandioca.

Como nas outras comunidades do entorno, sua comercialização é feita em Vila de Boim.



Croqui do Pau-da-Petra



5 • NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Dados colhidos pelos alunos do curso Modular, Simão Pedro, Daniel e Gilvan, na disciplina de Estudos Amazônicos, supervisionados pelo Prof. Sergio Nobre, em janeiro de 2012, em entrevista com a Sra. Rosimar dos Santos Pereira, de 75 anos.

A senhora Rosimar relata que foram os primeiros habitantes do local, e que todos moravam em São Tomé e Boim. Foi quando sua família veio do Rio Taquara para um tratamento de saúde, que foi muito demorado e resolveram construir uma casa, pois era complicado “tirar” um terreno em Boim para fazer uma.

Sua família, que era composta por quatro pessoas, acabou construindo uma casa e em seguida outras famílias e pessoas foram chegando. O nome de Nossa Senhora do Rosário veio quando o pessoal se reuniu e comprou uma imagem da santa e construíram uma pequena igreja.

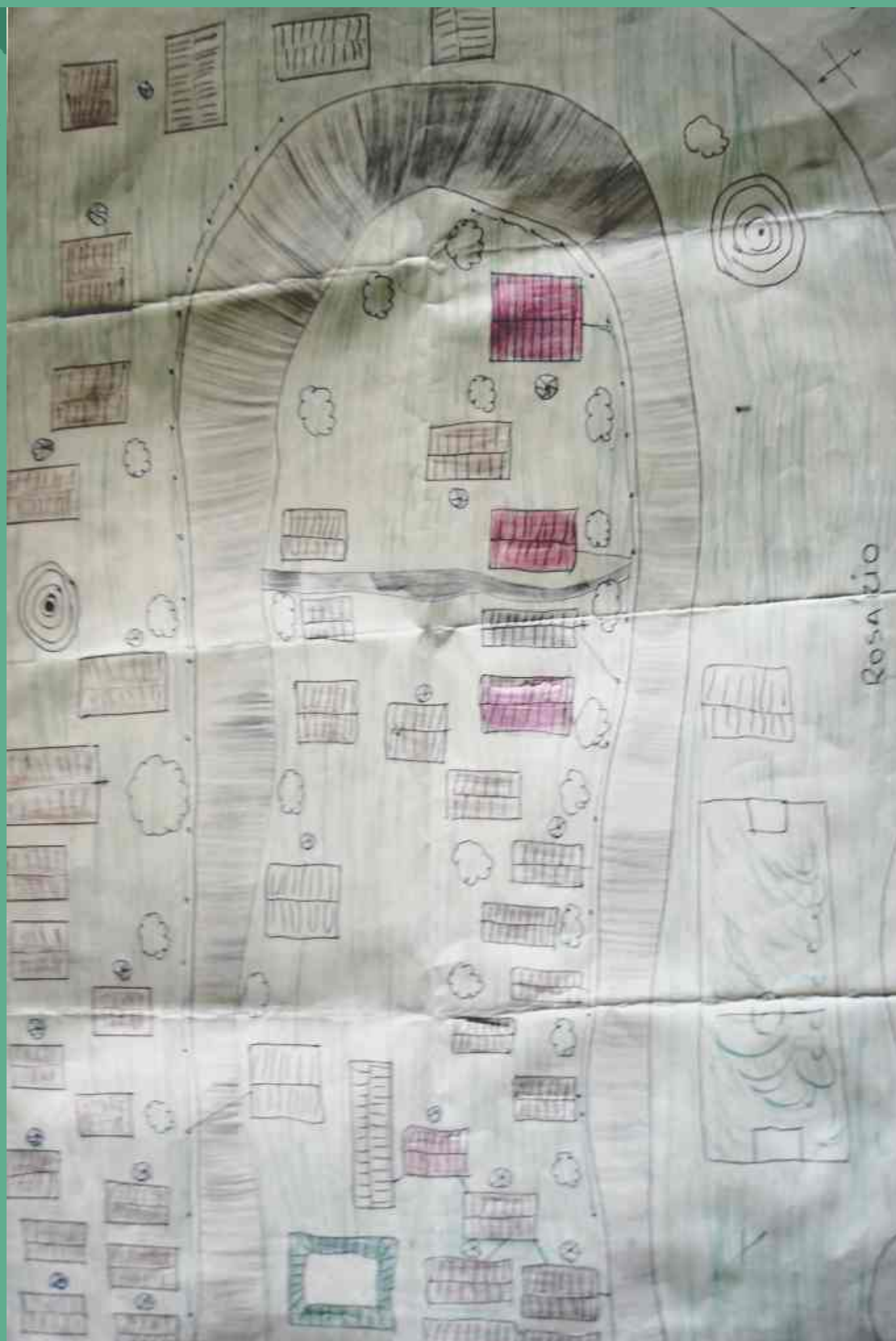
As pessoas vinham para arrumar emprego em Boim e acabavam ficando em Rosário. E neste lugar existia uma mercearia, na verdade um mercantil onde se vendia todos os produtos, principalmente a farinha. Mas as coisas estão muito mudadas, “antes as pessoas não conheciam a cidade, não havia

transporte.” Hoje está muito avançado, com direito à educação, existência de remédios e cura para as doenças.

Hoje a comunidade tem uma faixa de 44 famílias e tem tendência de crescimento. Nosso imaginário é povoado por lendas e mitos, inclusive a própria entrevistada, Dona Rosimar, fez um relato de algo que aconteceu com ela mesma:

“eu, logo que estava recente na comunidade convidei minha irmã para ir a uma festa em Boim. Na ida foi tudo bem, mas na volta já era noite, entre meia noite e uma hora. Foi quando começamos a escutar uns gemidos, mato estalando e uns choros. Olhamos para trás, vimos uma criança no chão. Quando chegamos perto dela eu perguntei para minha irmã: quem será essa criança? Quando eu vi, ela foi crescendo e crescendo e saiu correndo atrás de nós. Quando chegamos em casa nosso pai falou que era perigoso andar nos caminhos porque apareciam assombrações. Desde então quando tínhamos alguma coisa para fazer, fazíamos durante o dia, pois depois das seis da tarde estava sempre arriscado apanhar de visagem, assombrações...”





6 • TUCUMATUBA

No início era apenas uma localidade conhecida como Bacurituba e pertencia a Boim. Este nome foi colocado pelos “antigos” pela existência de muitos bacurizeiros que aqui existiam, mas com o passar dos tempos, em 1949, com a chegada de uma empresa madeireira a vapor que era conhecida como Tucumuntuba, passou a ser conhecida como bairro da Serraria. E assim ficou conhecida por muitos anos. Mas o tempo passou, as máquinas foram sucateadas e seu proprietário foi embora; mesmo assim conseguiu vender as terras a outro madeireiro, o Sr. Ovidio Gasparetto, que em 1982 montou a firma AMAZONEX, mas o nome do local seguiu sendo SERRARIA. Só que desta vez como comunidade, uma vez que já tinha escola, barracão, campo de futebol, clube esportivo etc.

Foi assim que logo veio o desmembramento entre Serraria e Boim, assim como seguiu a mudança de nome de Serraria para Tucumatuba, que tem a origem na grande quantidade de palmeiras de Tucumã. Hoje a comunidade conta com 74 famílias.

Alguns dados complementares foram colhidos com a Sra. Zoraide dos Santos, nascida em 08/11/1927, hoje com 86 anos, filha de Casemiro dos Santos e de Esmeralda de Oliveira. Ela fala sobre os hábitos alimentares que são consumir tacacá, peixe assado, tarubá, peixe com pimenta e com molho de tucupí, mugunzá, e o famoso chibé.

Nossa cultura musical está na dança da quadrilha, dança do boi, dança do quati, o cordão do tucano e do bem-te-vi.

Sobre as lendas do Mapinguari:

Há duas versões sobre sua fantasiosa existência: em uma delas essa lendária criatura é descrita como um enorme macaco, de 5 a 6 metros de altura, que tem um olho só no meio da testa e uma boca enorme que desce até o umbigo. E ele seria peludo como um porco espinho, mas com pelos de aço. O outro retrato do Mapinguari se apresenta como um bicho ainda mais estranho: possui três bocas, sendo uma debaixo de cada e outra debaixo do coração. Os relatos populares concordam em relação ao alimento preferido dessa criatura: as cabeças das vítimas que ele costuma caçar durante o dia.



Com. DE

TUCUMATUBA

Equipe:
Lauren Nunes
Sébastien Lenoir
Natália
Elisla
Arndine
Vildonea
André
Leonardo

COLÔNIA MENTAL
52km

Floresta

Floresta

Clube de futebol

Clube de futebol

Rua da Associação

Clube de futebol

Clube de futebol

Clube de futebol

Clube de futebol

Clube de futebol

Clube de futebol

As Linhas Páreas

Rio

Tapajós

7 • NUQUINI

Autoentrevista:

“Júlio Rodrigues de Oliveira nasceu no dia 21 de Agosto de 1941. Idade: 70 anos.

Eu fui nascido e criado nesta comunidade e vivo aqui. Sou casado no católico e no civil, sou pai de onze filhos, todos criados, todos petistas e todos lutam por melhores condições de vida para seus filhos.

Eu sou comunitário, sócio do STTR desde 1973, fundei uma associação comunitária com 31 sócios a favor, outros contra, mas hoje estamos com mais de 60 sócios e todos já recebem projetos do governo federal do Lula. Júlio conseguiu, juntamente com o povo, em 2007 e 2008, lutando desde 1980, receber projetos que são os seguintes:

- * Escola nova, com banheiro e motor de luz no governo da prefeita Maria do Carmo;
- * Microsistema de Água pelo PSA;
- * Telecentro pelo PSA;
- * Casas próprias pelo governo federal/Lula;
- * Ferramentas pelo Governo Federal/Lula;
- * Fomento pelo Governo Federal/Lula;
- * Uma Cafeiringa (carro) pelo Ministério do Meio Ambiente através da presidência do Nazareno;
- * Motor rabeta pelo Nazareno;
- * Uma bajara construída pelos sócios da Associação ARCOM;
- * Telefone público pela prefeitura.

Olhe aqui, tudo isso que estou declarando foi também através do STTR de Santarém, da Tapajoara Resex Tapajós/Arapiuns e da união da comunidade.

Temos também aposentados, bolsa família, bolsa verde, pensão, salário maternidade, professoras, professores, serventes, agente de saúde. Temos 43 casas novas do crédito habitação, 48 família, mais de 200 habitantes.

No rio temos água, peixes, praias bonitas, igarapés e lazer na mata. Nas matas: madeiras, palhas, cipó, castanha, breu, seringa, piquiá, Uxi liso e curuba, Amapá, Itaúba, cedro vermelho, cedro rosa, jutaí, pau dasco, ipê e outros.

As famílias plantam maniva, milho, arroz, feijão e muito pouco por não terem assistência técnica.

A nossa cultura: jogos de futebol, danças ou quadrilhas e o Festival do mingau de Arroz. Júlio faz músicas, toca violão, canta, tem histórias, adivinhações, piadas. Conheceu a comunidade desde os doze anos de idade. Esta comunidade tinha 13 famílias nesta época. Tinha bastante peixe e caça. Hoje está muito difícil. Lembro de um pedido de um dos primeiros padres que chegaram em Nuquini: eles diziam assim no final da Santa Missa: “Filhos vocês têm que plantar e criar, pois esta fartura um dia vai acabar, os conflitos de terras vêm aí”. Eu não acreditava, olha agora como é que está a situação. Júlio espera que tenha uma utilidade e que traga um projeto que seja de criação de galinha caipira para a comunidade.

Outro ditado: “quanto mais eu ando mais vejo estrada”.

Eu, Júlio, acredito em Deus, no STTR, na Tapajoara, no PSA e nas entidades parceiras.

Sofri um grande acidente dia 04 de Agosto de 1980, no Conselheiro Lafaiete voltando de um Congresso da CUT, mas não recuei a luta, enfrentei com coragem. Enfrentei o Ovídio Gaspareto, da Amazonex Geleiras, Petrobrás, polícia; eu foi denunciado por uma falsa, por próprios companheiros, vizinhos, fui preso pelo delegado do baixo Amazonas através da igreja da paz; outrora ameaçado da polícia da vila de Boim, mas tudo isso não me tirou da luta. A Luta continua vamos lutar.

Relatos de Júlio Rodrigues de Oliveira, o popular Traíra, hoje membro do Conselho Deliberativo da Resex.



XUVINIM

Gilmar Volante



8 • NOVA VISTA

O primeiro dono de terras de Nova Vista foi o Sr. Esídio Xavier da Rocha, metido a coronel na região do Tapajós. Era um grande comerciante da região que comprava principalmente borracha, castanha e pele de caça. O local exato onde ele vivia era uma terra alta conhecida como Nova Vista. A área onde está localizada a comunidade pertencia ao irmão do Isídio, era o Sr. Salvino Xavier da Rocha, igual ao irmão, mas com menos capital.

Curiosamente, quando da morte de Salvino, ele chamou a Sra. Máxima Xavier da Rocha, passou todos os documentos das terras, os quais foram queimados em um incêndio. Nesta época só havia quatro moradores na localidade, e a comunidade tinha um sistema de construir as casas longes umas das outras.

Os povos originários da Amazônia têm um complexo padrão de comportamento e crenças, de modo de agir, de manifestações artísticas e intelectuais, transmitidas coletivamente e típicos de uma sociedade. A caldeirada e o Carimbó exemplificam bem isso.





9 • SAMAÚMA

A comunidade de Samaúma possui atualmente 37 famílias. Começou por volta de 1920 com uma família de três irmãos: Emília, Raimunda e João.

Essa família deu nome de Samaúma à comunidade por existir um enorme Samaumeiro em frente ao lugar. Foi elevada à comunidade em 1953, tendo constituído uma diretoria que tinha como presidente o Sr. Clementino Cardoso e como Secretário o Sr. Anacleto Caetano Xavier.

Na época existia uma cabeceira nascente de igarapé onde várias famílias residiam. Esse local chamava-se ARARIUÁ, que significa pequenas araras azuis. Lá viveram até 1955, quando se deslocaram para Samaúma, onde vivem até hoje.

Hoje a árvore símbolo da comunidade não existe mais. Por volta de 1950 a escola era coberta de palha e o piso de madeira deixou de existir; hoje existe a Escola Nossa Senhora Aparecida, construída de alvenaria.

Igualmente às outras localidades, a roça é sua maior ocupação.







Prédio da Escola Dom Frederico Costa, onde também funcionou um antigo convento.



Fragmentos da cultura

POESIA

Aldeia dos Tupinambás

À margem esquerda do Rio Tapajós
Em um lugar já primitivo
Viviam índios tupinambás
Que da terra eram nativos.
Com sua aldeia bem feita
Cantavam, dançavam e bebiam,
Com seus trabalhos de enfeite,
Era assim que eles viviam.
Por sua vez, para se manterem,
Caçavam e pescavam
Armados de flechas e budunas,
Matavam o que desejavam.
Com a chegada dos jesuítas,
Ficaram todos catequizados;
Foram nossos primeiros pais,
Que há séculos são lembrados.
O tempo foi se passando
E essa gente trabalhando,
Para hoje termos vida
E Deus nos ajudando.
Eis a nossa homenagem
A este povo, com seu esforço sem fim,
Souberam deixar para nós
Nossa querida Vila de Boim.

Glossário

TAPIRAUARA: Onça negra que habita os aninga-is; entidade real ou não, dizem que tem as patas de trás como as de um jumento, portadora de um mau cheiro horrível, e que mata as pessoas no bafo. Ela só anda pra frente por isso ataca sempre. Ela é mais conhecida na várzea e igapós.

PATAUÍ: Bicho que se transforma em homem e tinha duas residências. Onde ele aparecia sempre morria alguém.

CORDÃO DE PÁSSAROS: Manifestação dançante que enaltece a natureza, tem sempre um corpo de dança, um grupo musical e canto.

Cada localidade homenageia um pássaro: Patativa, arara, bem-te-vi, tucano etc.

VISAGEM: Aparição imaginária, encanto que assusta, segredo, coisa ruim para os caboclos, existe no imaginário das pessoas...amedronta.

GARIMPÃO: Local de pesca especial, um pesqueiro fértil onde não há necessidade de segredos. Conhecido por sua fertilidade.

PIRACAIA: Junção de duas palavras de origem tupi: pira = peixe/ caia = praia, portanto, hábito peculiar das comunidades ribeirinhas da Amazônia de pescar e assar o peixe na praia, tomando cachaça, ao som de músicas, conversas e contação de causos.

FICHA TÉCNICA



ALEGRIA

EQUIPE

Tiberio Alloggio / Magnolio de Oliveira /
Carlos Dombroski / Natanael Alves de
Souza / Catia Magalhães / Fabio Pena /
Sergio Nobre

PROJETO GRÁFICO E

DIREÇÃO DE ARTE
Fernanda Sarmento
Designer Assistente
Débora Alberti

DIAGRAMAÇÃO

Edinelson Nunes

FOTOS

Acervo PSA e fotógrafos colaboradores

IMPRESSÃO

Gráfica Brasil

TIRAGEM

500 Exemplares

Pesquisa feita com alunos do 2º ANO A e B do ensino modular, na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Santo Inácio de Loyola.
Diretora: Lenildes Carneiro de Oliveira. Professor: Sérgio Nobre. Disciplina: Estudos Amazônicos. Alunos: Cleber Denis Carneiro, Daniel Conceição Cardoso Costa, Ingrid Sídiane Pedrosa Carneiro, Diogo Sussuarana Oliveira, Janderson Serrão dos Santos, Josilene Batista Xavier, Thiago Wesley Pedrosa Serrão, Jânison Santos Amaral e Graciane Serrão Valente.

